



Vidas dominicanas no vestígio: enredos de negridade, formas de refúgio como vigília e suas marés¹

Victor Miguel Castillo de Macedo (USP/ São Paulo)

Palavras-chave: República Dominicana; Plantation; Contra-plantation.

Introdução

No ano de 2021 foi lançado o filme “Hotel Coppelia” (1h 44min), do diretor dominicano José Maria Cabral (diretor de outros trabalhos como “La Isla de Plástico” e “Carpinteros”), no qual se retrata a luta da revolução de 1965 na República Dominicana do ponto de vista de um prostíbulo da capital, Santo Domingo. Entre os diversos enredos contados ao longo da projeção, está o da combatente Tina Bazuca, mulher negra que aparece em uma linha de frente (minuto 39’29”), e se instala no cenário principal da trama. Primeiro suas motivações são estratégicas, os revolucionários tomaram o local como base, depois, apaixonada por uma das prostitutas, fica e sofre um revés pela ocupação das tropas norte-americanas. Presa pelo batalhão estadunidense no filme, ela é torturada, abusada e morre no terço final por conta de um ferimento não tratado (1:22’56”).

As escolhas feitas pelo diretor e roteirista José Maria Cabral para representar a participação de Tina Bazuca (nomeada Martina no filme), são reveladoras para o que pretendo discutir nesta breve reflexão. O diretor, interessado em destacar o papel das mulheres “anônimas” na luta anti-imperialista da revolução de 1965, acaba por reiterar um lugar de violência (que pode ser descrito, na falta de melhor termo, como pornográfica) e por desrespeitar os *vestígios* da vida da combatente Tina Bazuca que inspirou a personagem. Apesar de pretender oferecer o ponto de vista das prostitutas que, de fato, participaram da revolução, suas escolhas reduzem e recortam uma vida em específico – de uma mulher negra dominicana que esteve como combatente nas linhas de frente. A única (entre as mulheres retratadas) cuja inspiração se baseou em eventos que

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

ocorreram durante aqueles meses do ano de 1965. Christina Sharpe, teórica dos estudos culturais afroamericana², em seu livro “No vestígio: negridade e existência” (2023), chama de “disgrafia” essas formas de representação de vidas negras (2023:69): maneira pela qual se estende de modo contínuo as abjeções da negridade.

É a partir de, e em oposição a esta imagem disgráfica produzida por José Maria Cabral (a qual voltarei adiante), que quero apresentar brevemente o itinerário deste texto. Primeiro, pretendo me debruçar sobre a ideia de “dialéticas da plantation e contraplantation” a partir de uma perspectiva baseada na República Dominicana, país do caribe insular, vizinho territorial do Haiti. Num segundo momento do mesmo argumento, localizo a revolução de abril de 1965 sob a ótica da *tidaletics* de Kamau Brathwaite. Na terceira parte, apresentarei brevemente os refazimentos do enredo da trajetória biográfica de Tina Bazuca enquanto heroína pelo meu interlocutor dominicano durante a pesquisa de campo, o advogado e poeta Tirso Medrano, presidente da Fundación de Solidaridad con los Héroes de Abril (FUSHA). Como forma de concluir essa discussão, pretendo reiterar dois argumentos elaborados ao longo do texto: que a revolução e seu rescaldo demonstram como a pertença nacional também opera no horizonte das maquinações da plantation; e, portanto, como segundo ponto, que a FUSHA não só faz a vigília de ex-combatentes da revolução dominicana, como oferece um espaço de contra-arquivo, refúgio, fresta por onde se deixam ver as lógicas perniciosas e duradouras da plantation.

Algo deve ser dito ainda, a respeito do termo *wake*, substantivo em inglês, que é utilizado por Christina Sharpe na versão original do título da obra (*In the wake*). A solução encontrada pela tradutora Jess Oliveira, com notável experiência na tradução de textos e livros de autores afro-americanos, facilita a navegação pelos diversos significados que a palavra possui: vestígio, vigília, velório, velar, vereda (2023:12). No caso não se trata de qualquer vestígio. Sharpe se refere especificamente ao rastro que um navio em movimento deixa pela água. Logo, as marcas na/da água formam um caminho e servem aqui de lembretes, dispositivos mnemônicos, marcadores de contra-silenciamentos de história. Deste modo me interessam essas múltiplas histórias silenciadas da experiência que pode se designar hoje como afro-diaspórica nas Américas e no Caribe, resultante do tráfico de africanos escravizados para a consolidação das plantations como modo de

² O prefixo “afro” per se já permite uma extensa discussão. Sua combinação com gentílicos nacionais localiza as diversas tentativas de integração em sociedades específicas, com ou sem hífen. Esse incômodo faz parte de meu argumento mais amplo, por isso, procuro manter seus usos nas autoras com quem dialogo para conservar também a complexidade e heterogeneidade dos contextos em aproximação.

produção. A plantation, não só como dispositivo produtivo da economia açucareira, mas metáfora para as existências caribenhas pode operar como instrumento heurístico poderoso (Brathwaite, 1975). Contemplar fragmentos de contraplantation das/nas histórias caribenhas é o objetivo principal desta reflexão. Passo então a alguns acontecimentos desta(s) história(s) no território “dominicano”.

Plantation à dominicana?

Seria um desatino procurar espaço suficiente para abordar nos mínimos detalhes os desenvolvimentos da plantation no território que hoje conforma a República Dominicana. Por isso, menos do que contextualizar ou descrever, quero destacar alguns eventos para afirmar a importância deste país como uma espécie de laboratório de experimentos coloniais e imperiais, logo capitalistas. Talvez enfatizar dois elementos em particular me permita atravessar as diferentes marés nessa navegação, quais sejam, as revoltas e as commodities.

Em um ensaio histórico no qual o escritor, intelectual e político dominicano, Juan Bosch, se propõe a explicar e descrever o capitalismo tardio dominicano (2005 [1986]), o autor defende que a República Dominicana só se tornou um país capitalista a partir do governo do ditador Rafael Leonidas Trujillo (1930-1961). Essa definição se baseia na ausência, até então, de uma classe burguesa relativamente organizada, na falta de um Estado que propiciasse condições para atividade econômica e política desta classe, e por último, mas não menos importante, na debilidade institucional local ante o assédio de instituições privadas e públicas de outros países. No entanto, apesar das diversas evidências apresentadas para comprovar seu argumento, o próprio Bosch observa que o país não estava alheio aos movimentos internacionais do capital, e não deixava de ter capitalistas em atividade no seu território. O capitalismo dominicano se consolidou de forma tardia, mas o capitalismo desde cedo estendeu seus efeitos na República Dominicana.

Em paralelo, numa obra lançada apenas um ano antes (1985) intitulada “Sweetnes and Power”, Sidney Mintz irá seguir os caminhos que o açúcar fez enquanto commodity. Ao demonstrar que já nos primeiros desembarques de europeus em solo caribenho na última década do século XV (onde hoje está a República Dominicana), haviam escravizados africanos, ele descreve também as tentativas malsucedidas de se plantar a cana de açúcar ali. O problema, observa Mintz, estava menos no plantio e mais nos processos produtivos: a falta de tecnologia, maquinário e até mesmo pessoas com

conhecimento técnico para o manejo das plantações (em outros lugares do mundo onde já se plantava a cana de açúcar, como a Índia, esse domínio já existia, mas as plantações tinham outros fins). Considerando que o investimento nesta commodity concorria com outros interesses imperiais espanhóis, como a expansão do domínio nas Índias Ocidentais, e que o consumo de açúcar ainda era algo restrito às elites europeias, a instalação de plantações de açúcar se tornou um projeto menos importante. Ainda assim, é importante ressaltar que o filho de Cristóvão Colombo, Diego, Vice-Rei da colônia de Santo Domingo por duas vezes no início do século XVI, tinha sua plantação nos arredores do que hoje é a capital dominicana.

Foi nesse terreno que se deu a primeira rebelião de escravizados africanos no hemisfério, em 1521 (Acevedo, 2016). Junto as rebeliões que sucederam esta, foram se conformando por sua vez os grupos de cimarrones (agrupamentos aquilombados) e monteros (caçadores de gado selvagem que viviam nos *montes* ou matos). Enquanto o império espanhol expandia seus domínios pelo caribe, a colônia de Santo Domingo se mantinha com a exploração mineira do ouro e com estas tentativas plantações. Aqueles não-súditos, por sua vez, viviam das trocas de couro, carne e madeira com embarcações de outras nacionalidades europeias que rondavam o lado oeste da ilha (que se tornaria o Haiti séculos depois). Será no século XVII, com a cessão deste território aos franceses que as plantações de açúcar irão se estabelecer de modo intensivo na ilha de Hispaniola ou Ayti (como a chamavam os indígenas Taínos).

Nesse mesmo século, outras commodities passam a ser exploradas no território dominicano – caso do tabaco e do cacau na região norte, e do café no centro – e na fronteira com o domínio francês foi se consolidando também, a pecuária extensiva, decorrente da atividade com gado selvagem, caçados pelos monteros. No século XIX, que se inicia com a conclusão da Revolução Haitiana, ocorre a ocupação haitiana do lado que pertencia aos espanhóis³. Em consequência, se observa a disseminação de terreiros comunais, chamados de *hatos* (Hoetink, 1971). Após um período estacionário de vinte e dois anos, a República Dominicana se torna um país independente em 1844. A segunda metade do século XIX é marcada por chamadas “revoluções”, que em realidade foram disputas entre as elites (numa destas, a Espanha voltou a dominar o território dominicano, entre 1861 e 1865). É no final deste século que muitos produtores cubanos se

³ É digno de nota que em 1821, um grupo de defensores da autodeterminação do território colonizado pelos espanhóis proclamou a independência do Haiti Espanhol, que nunca chegou a se consolidar como país, em razão também, da ocupação liderada pelo presidente haitiano Jean Pierre Boyer em 1822.

estabeleceram no sudoeste dominicano para consolidar uma produção açucareira (alguns fugindo da guerra dos dez anos e da guerra de independência cubana na virada para o século XX). Grosso modo, pode-se dizer que há um entrelaçamento entre movimentos de luta política e a consolidação de commodities.

De 1916 a 1924, o território dominicano sofreu mais uma ocupação, desta vez o exército norte-americano sob o pretexto das dívidas acumuladas pelo governo dominicano com empréstimos originados no século anterior. Essa ocupação é concomitante à ocupação do Haiti (que durou de 1915 a 1930), e permitiu ao império americano controlar as divisas de ambos os países, delimitar a fronteira entre eles além de instalar suas empresas para direcionar as produções locais. Os Estados Unidos formaram as forças policiais de Haiti e República Dominicana, e organizaram também as suas forças armadas. Dentre as centenas de soldados formados em academias militares norte-americanas, esteve o ditador Rafael Leónidas Trujillo. Este, alcançou o poder em 1930, após um golpe de Estado, e permaneceu até 1961 (após ser morto em uma emboscada). Até aqui, as marés históricas dominicanas, não parecem oferecer descanso aos seus navegantes mais vulneráveis, descendentes de africanos escravizados.

A maré do capital e seus poderes vê uma baixa nas suas forças com a eleição de Juan Bosch para presidente em 1962, na primeira experiência democrática do país (e talvez a única *de facto*). As plantações açucareiras estabelecidas pelo ditador Trujillo, formadas primeiro pela imigração de fazendeiros cubanos, depois pela ocupação norte-americana, foram alvo do projeto de reforma agrária de Bosch. Tal projeto nunca se concretizou plenamente pois em setembro do ano de sua posse (1963) ele sofreu um golpe articulado pelas oligarquias dominicanas. Sua volta ao poder e a defesa da constituição de 1963 foram as consignas defendidas pelos revolucionários de 1965 – eles queriam remar contra a maré antidemocrática e imperialista que tomava o Caribe e os mares do Atlântico Sul.

A revolução durou 4 meses e foi sufocada diretamente pelas forças militares estadunidenses que contaram com apoio de brasileiros entre outras nações alinhadas ao império americano, além de parte do exército dominicano leal à oligarquia. Do lado revolucionário, houve a importante presença do comando de militares haitianos que se encarregou do conserto de armas roubadas, e a participação de personagens como o poeta Jacques Viau, de origem haitiana, morto durante o conflito. Um esboço de solidariedade internacional se desenhou em uma das estratégias para desmobilizar soldados negros americanos: a recordação dos eventos em Selma e Little Rock no Alabama em uma carta

redigida em inglês. Apesar de não surtir o efeito esperado, permitiu mobilizar imaginações políticas confluentes.

Em 1966, novas eleições foram celebradas, com o país ainda ocupado. Desta vez a população acuada elegeu Joaquín Balaguer, o antigo braço direito do ditador Trujillo que ficou no poder por doze anos, até 1978, consolidando assim, a navegação dominicana para as águas do capitalismo neoliberal. É neste contexto que se desenrolam os principais eventos do enredo da vida de Tina Bazuca. Mas, antes de entrar nos detalhes de seus itinerários, quero fazer um comentário a respeito do que pode ser um tipo de enquadramento para a leitura que faço de sua história – na qual plantation e contraplantation são vistas a partir das tidalectics.

A revolução sob a ótica das tidalectics

O termo *tidal* (maré) *lectics* (lética), formulado por Kamau Brathwaite (1930-2020, poeta, professor, historiador e crítico de Barbados) parece congrega e convergir uma série ampla e complexa de debates em literatura com eventos climáticos, geológicos, históricos e antropológicos que atravessam as ilhas do Caribe. Apesar de não ter conseguido rastrear o ano exato em que cunhou essa noção, a reiterada revisão e reformulação de sua obra sugere que sua lógica sempre esteve presente no entendimento do autor. Pode ser encontrada tanto em sua vasta obra poética, como em análises histórico-críticas anteriores aos trabalhos de maturidade. Em “Caribbean man in space and time” (2021 [1975]), por exemplo, Brathwaite proclama que a “unidade é submarina” (2021: 90), ao mencionar a diversidade geocultural do Caribe.

Nesse mesmo trabalho, ele vai diferenciar a plantation externa (*outer* – aquela das infraestruturas, dos tratados económicos e sociológicos, dos diagnósticos de subdesenvolvimento) da plantation interna (*inner* – das relações e organizações criadas no interior da experiência da plantation, como aquelas de grupos maroons ou cimarrones, as cosmologias do vodu, ou ainda, as versões do pentecostalismo evangélico e do revival no Caribe). Grosso modo, a plantation interna trata das experiências localizadas, onde as pessoas caribenhas formulam suas narrativas (especificamente de modo oral, em oposição ao arquivo oficial). Conforme coloca Brathwaite:

Isso, eu suponho, é uma outra herança da metrópole [a preocupação com abstrações em vez de pessoas], onde o trabalho de pá do ‘povo’ já foi feito como *parte de uma evolução regular em direção a identidades nacionais* e onde colônias, exceto para aqueles visitantes que se importam, eram pouco menos que abstrações/produtores de qualquer forma. Mas isso é somente um fragmento desta realidade. Se nós penetramos na metrópole interna (inner metrópole) nós encontramos maravilha, Labat, Mocquet,

o infatigável, Raleigh, Defoe, Shakespeare e o mito do El Dorado: *exploração convertida em sonho e imagem*. Para nós, na plantation, deveria haver um começo atômico similar: nós, as nossas redes de relação: relação com a paisagem, acumulação de linguagem e experiência. (Brathwaite, 2021: 97)

É certo que o autor respondia às demandas por um entendimento mais profundo das experiências caribenhas, a partir de avanços já alcançados por outros como Jean Price-Mars, Fernando Ortiz, Melville Herskovits e Sidney Mintz (entre outros)⁴. Aqui se desenha, me parece, um interesse claro em envolver a dimensão ecológica das relações insulares não enquanto características que diferenciam experiências nacionais, mas como a matéria própria que compõe subjetivamente os entendimentos do vivido. A maré se opõe ao movimento dialético no sentido que ela não se resolve abstratamente em um certo progresso (tese/antítese/síntese). Assim se me refiro à plantation como um momento da maré, ela não é necessariamente superada pela contra-plantation nesta ótica. Entre ambas as ondulações fixam estados de ambiguidade, em nexos históricos e ecológicos – os quais Edward Brathwaite aplica em seus poemas através de espacializações sonoras (Reckin, 2003). Imagens como o par “contínuo/continente” (em poema citado por Reckin, 2003:1), que geram idas e vindas de uma senhora negra que varre a areia de sua varanda, fazendo soar o caminhar sobre as águas, que atravessa o atlântico, indo e voltando de África.

Talvez, nesse ponto eu possa retomar a chave dos vestígios de negridade numa experiência coletiva de abjeção através da plantation, mas que não pode se resumir a isso. Como olhar para a revolução de 1965 na República Dominicana, numa ótica tidalectic? A origem astronômica do próprio termo “revolução” desafia as continuidades das marés. É no próprio repertório de eventos climáticos caribenhos que a revolução opera. Ela é o encontro da vertigem dos mares que se aquecem (e suas marés altas) com as massas de ar frio que atravessam o Atlântico: o furacão (palavra de origem taina). Tem o potencial destruidor de elaborar recomeços, novos mundos, ou aprofundar as tragédias já existentes termos que David Scott utilizou para descrever a Revolução Haitiana, por exemplo (Scott, 2004). Ao aproximar esse entendimento de um escopo tal como o da plantation interna, de localidades cuja unidade é submarina, é possível situar o enredo de Tina Bazuca, com as imperfeições que explicitarei adiante, numa experiência de negridade comum. Não exatamente qualquer negridade, mas aquela observada por Sharpe, que pode dialogar

⁴ Os debates sobre a antropologia no Caribe se desenvolveram sob algumas rubricas como a questão das sociedades plurais, e a creolização. Da forma como entendo, Brathwaite se filiou a segunda, mas ao se encaminhar para as tidalectics, incorporou de modo mais acentuado a relação com espaços sonoros, eventos geológicos e climáticos na conformação de uma subjetividade caribenha. Isso certamente o coloca como precursor do que vem sendo chamado de uma Ecologia Decolonial (Ferdinand, 2022).

direta ou indiretamente com outras formas de plantation interna: encontradas nos futuros da plantation (McKittrick, 2013) e/ou nos plots (enredos/pedaços de terra) destacados por Wynter (1971).

A perspectiva transdisciplinar de Brathwaite ilumina as atividades que encontrei em minha pesquisa na Fundación de Solidaridad com los Héroes de Abril, coordenada e presidida por Tirso Medrano, outro poeta e declamador, autointitulado afroantillano. É como se os encontros que Medrano organiza hoje entre ex-combatentes “anônimos” da revolução, propiciassem portais por onde a dominicanidade não se resume à negação do Haiti. Lembrar daqueles meses de 1965 em que dominicanos e haitianos combateram lado a lado a ganância política do imperialismo norte-americano, permite por vezes amolecer as velhas molduras do nacionalismo dominicano. Nessas tertúlias, o nome de Tina Bazuca dá legitimidade a histórias e confere valor aos heróis anônimos de abril⁵. Ela própria é a revolução numa perspectiva tidalectic.

Uma mulher negra em meio ao fim de mundos

Tina Bazuca (1937-1996) foi uma combatente que Tirso Medrano não conheceu pessoalmente. No entanto, ele foi um dos primeiros a resgatar seu nome de um esquecimento oficial, afinal conforme me contou, nas conversas com ex-combatentes sempre se ouvia o nome dela. Interessado, criou as primeiras versões de textos sobre ela em um blog de 2016 (anterior a criação da fundação). Levou essa mesma história para as páginas da FUSHA no Facebook em 2017, onde teve seu texto copiado e corrigido por outros combatentes (foram três versões de 2018 a 2020). Com essas versões descreveu a história de como essa mulher negra dominicana se tornou um símbolo para quem estava nas linhas de frente da batalha. Por ter conhecido a filha de Tina, Altagracia Rivas, no ano de 2017 Medrano foi aos poucos reparando as disgrafias iniciais sobre a vida da ex-combatente através das informações que recebera.

Nascida em 13 de maio de 1937 na região fronteira, na cidade de Dajabón (no mesmo ano do massacre que ceifou a vida de mais de 30 mil haitianos na mesma região comandado por Rafael Trujillo) Augustina Rivas, migrou na adolescência para Santiago de los Caballeros (cidade na região norte que abriga desde a primeira metade do século

⁵ Apesar destes encontros terem iniciado depois de minha volta ao Brasil (no pós-pandemia, 2022), eu venho acompanhando todos eles e registrando sua participação através dos vídeos que Tirso Medrano me envia. Aparte estes encontros, há chamadas para a compra de remédios e alimentos para aqueles em condições paupérrimas (elaborei uma discussão sobre essa questão em Castillo de Macedo, 2021b).

XX a elite Tabacalera). Esse movimento, uma fuga do fim de mundo que foi o massacre, já a colocaria em posição de refugiada cosmológica⁶.

Passou alguns anos em Santiago antes de se mudar para Villa Consuelo, bairro de classes populares na capital, Santo Domingo, em 1954 (quando a cidade ainda se chamava Ciudad Trujillo). Apesar de Medrano saber que ela era moradora de Villa Consuelo e que trabalhara como estivadora no porto de Santo Domingo, o detalhe a respeito de sua formação em artes marciais (como o boxe), e que já tinha dois filhos antes da revolução foi complementado por suas conversas com a filha, Altagracia. Depois da revolução, a ex-combatente foi perseguida, e presa diversas vezes. Em 1971, as forças paramilitares do governo contrarrevolucionário, a Banda Colorá, estavam atrás de Tina Bazuca, e inclusive fizeram buscas na casa de sua mãe (avó de Altagracia, e com quem ela cresceu).

No ano seguinte, quando Tina Bazuca já estava presa, sua filha presenciou um episódio das violências sofridas: Após ter sua marmitta pisoteada, Tina roubou a arma de um policial, e em resposta foi espancada por vários carcereiros e mandada para a solitária por um mês. No ano de 1973, a ex-combatente, em liberdade, criou uma rusga com o líder de uma das fanfarras populares do carnaval dominicano após uma briga em um prostíbulo, conforme o relato de Eduardo Johnson, amigo de Tina. Após essa briga, ela fugiu do país por dois anos. No retorno, procurou seu inimigo e ofereceu dinheiro para uma trégua. Nesse período fora do país havia emigrado para Porto Rico através das precárias embarcações conhecidas como yolas (Torres-Saillant, 2019). Migrou ainda nos anos 1970 para os Estados Unidos onde esteve até os anos 1990. Em 1991, voltou a República Dominicana, para morar de novo em Villa Consuelo por três anos. Passou mais um ano em Santiago de los Caballeros e voltou, ao final da sua vida, para Dajabon sua cidade natal, onde faleceu em 1996.

Outra amiga de Tina Bazuca, membra da FUSHA e entrevistada por Tirso Medrano, Doña Enedina Santana “La Tabla”, é uma das pessoas que comenta a respeito dos marcadores raciais e de sexualidade que acompanhavam Tina, para além de sua valentia como combatente, ou de sua postura incomum para uma mulher dominicana nos anos 1960. Conforme ela descreve em relato a Tirso Medrano:

⁶ Há muitos trabalhos sobre o massacre do “Perejil” (Salsinha), ocorrido naqueles dias de maio de 1937. Aqui vale a pena destacar os comentários de Zora Neale Hurston *in loco*, a respeito da influência e da admiração que os haitianos tinham por Trujillo antes do ataque (na época que ela fez a pesquisa do seu livro *Tell my horse*). E, não menos importante, os trabalhos de Robin Derby e Richard Turits, recentemente republicados em francês como “*Terreurs de la Frontière*” (2022). Ambos os autores refazem as ricas relações cosmopolíticas de relativa harmonia entre haitianos e dominicanos nos tempos que antecediam o massacre. Um mundo que ruiu com o horror da violência trujillista.

A combatente Tina Rivas era minha grande amiga desde antes da guerra. Na guerra ela *vivia com Mireya*. Andava com uma pistola 45 e um fusil Mauser. As vezes, combatíamos juntas em Villa Consuelo e Villa María. Ela se destacou mais em Los Guandules, Villa Francisca, San Carlos e Borojol. As pessoas por onde eu passava combatendo me chamavam “Eh Tina, Olha Tina!” e eu lhes dizia “Não sou Tina, sou Enedina La Tabla!”; *porque parecíamos gêmeas já que éramos magras as duas e da mesma cor*. Eu era tão magra que me chamaram Enedina a Tábua. Na Revolução eu tinha 20 anos e Tina deveria ter 24. (Relato de Enedina Santana, redigido por Tirso Medrano, 2020. Grifos meus. Traduzido originalmente em Castillo de Macedo, 2021)⁷

Desse breve relato podemos destacar as frases grifadas, primeiro que ela “vivia com Mireya”, como uma breve referência à sua bissexualidade. Essa percepção é corroborada em outros relatos, de homens, que mencionam vez ou outra, o fato de Tina ter “colhões” (cojones em espanhol). Ela era descrita como “mari-macha” pelos seus conhecidos (Garcia Peña, 2022:128). Ou mesmo, as histórias que descrevem a forma como gritava aos invasores norte-americanos enquanto atirava neles (aparentemente impróprias para uma mulher) “Maldito Gringo! Go home! Go home coños! Go home hijos de putas!”. São formas reiteradas que colocam a ex-combatente não só num lugar estranho ao papel que muitas mulheres exerceram durante a revolução (cozinhando e preparando marmitas para os combatentes da linha de frente, ou na organização e treinamento de novos combatentes), mas fora de lugar para um imaginário dominicano mais amplo sobre as mulheres. O trabalho de Dixa Ramírez (2018), em que dedica dois capítulos às maneiras pelas quais a poetisa do século XIX Salomé Ureña é representada e imaginada, demonstra que tal estranhamento não se delimitava a mulheres de classes trabalhadoras. Na leitura de Ramírez, ele funciona como uma fantasmagoria que compõe a dominicanidade.

Do mesmo modo, a aparente indistinção que as pessoas negras têm na compreensão deste enredo nacionalista, se atualiza na confusão que as pessoas faziam entre Enedina Santana e Tina Bazuca. O que permitiria questionar: quantas outras mulheres negras nas linhas de frente da revolução não foram confundidas com Tina Bazuca? A mitologia desta heroína da revolução de abril de 1965, contém, no entanto, uma inversão causada pela disgrafia inicial de Tirso Medrano, em 2016.

⁷ “La combatiente Tina Rivas, era mi gran amiga desde antes de la guerra. En la guerra ella *vivia con Mireya*. Andaba con una pistola 45 y un fusil Mauser. Abeces (A veces) combatíamos juntas en Villa Consuelo y Villa María. Ella se destacó más en Los Guandules, Villa Francisca, San Carlos y Borojol. Las gentes por donde yo pasaba combatiendo me llamaban ¡eh Tina, mira Tina! yo les decía ¡no, yo no soy Tina, yo soy Enedina La Tabla!; *porque era que parecíamos melliza ya que éramos flacas las dos y del mismo color*. Yo era tan flaca que me pusieron Enedina la Tabla. En la revolución yo tenía 20 años y Tina tenía que tener 24”. Em espanhol, no original.

Ainda tratando, na época, de uma personagem que não tinha rosto ou era somente conhecida pelas histórias (como se fora uma lenda urbana), Medrano fez uma postagem em seu blog, onde contava algumas anedotas de Tina Bazuca que escutou de outros combatentes. Para ilustrar os relatos, decidiu postar junto ao texto, a imagem de uma menina branca com um fuzil. O incontrolável equívoco, talvez ingênuo, da parte de meu interlocutor, terminou por gerar uma nova versão de Tina, mais palatável para o gosto dominicano. A publicação em si não foi problemática, e sim, sua cópia e reprodução por parte dos donos da Republica Brewing (uma marca de cerveja artesanal local). Eles criaram a cerveja Tina Bazuca (uma Indian Pale Ale, de sabor amargo e cor âmbar) que levava em seu rótulo a foto utilizada por Tirso Medrano no blog. O presidente da fundação procurou reparar seu erro em publicações posteriores, mas não a tempo de evitar que a imagem de Tina fosse associada à daquela menina branca. Por outro lado, com o acesso a fotos mais recentes da combatente, através da filha dela, ele foi capaz de corrigir e articular uma homenagem dentro de parâmetros oficiais.

No dia 13 de janeiro de 2020, o nome da combatente foi consagrado junto ao de outros 27 combatentes no Parque Memorial de la Resistencia (ou Parque los Palmeros, no Km 14 da Avenida de las Americas, Santo Domingo). O ato teve as pompas de cerimônias oficiais, com músicas performadas pela Banda da Armada Dominicana, a presença de escolas públicas, organizações “patrióticas” como a FUSHA entre outros ritos. Em uma gravação de vídeo feita por um grupo de apoiadores da memória da revolução naquele dia, Tirso comenta das incorreções na cerveja e do filme (comentado no início deste texto).

Independentemente dos erros, as versões de Tina Bazuca continuaram a se multiplicar: Depois do incômodo causado com a primeira versão equívoca de sua representação da combatente, foi ele quem apresentou o diretor do filme *Hotel Copellia* à filha de Tina Bazuca, Altagracia. Sem embargo, não há menção nem a ela nem ao trabalho feito por Medrano nos créditos do filme. Além da homenagem póstuma que logrou consolidar com as suas pesquisas, meu interlocutor colaborou também para que a trajetória da combatente fosse incluída em uma reflexão da pesquisadora afro-dominicana Lórgia García Peña (2022) sobre negritudes transnacionais. Foi por acaso que descobri que García Peña estava em contato com Tirso Medrano, através da publicação do excerto do seu livro *Translating Blackness* publicado no sítio do North American Congress for Latin America – NACLA. Fiz o contato com ela, e ela confirmou que havia conversado

com ele. Inclusive utilizamos as mesmas imagens da curadoria de Tirso Medrano (em minha tese e no seu livro).⁸

A pesquisa/ vigília de Tirso Medrano, pela vida de Tina Bazuca se tornou, como bem aponta Garcia Peña, um arquivo (2022: 130). Seu percurso pelos bairros populares, daquilo que então eram as periferias de Santo Domingo na época da revolução, o levou a compor um conjunto de informações inéditos para os registros oficiais. Mesmo a obra lançada em 1985 “Mujeres de abril” (2015), da jornalista e ex-combatente, Margarita Cordero, não contempla com detalhes as trajetórias de mulheres negras na revolução. A despeito disso, Tina Bazuca aparece nessa obra ainda no registro disgráfico (como argumentado por Sharpe):

Recuerdo que Tina decía: “yo soy muy bruta, soy una mujer de los muelles. Soy una mujer brutísima, pero yo tengo que aprender; entonces, tengo que poner atención dos veces” Yo no sé, pero este tipo de mujeres, esta mujer, esta anónima, esa que quizás no aparezca en ninguno de los anales de tantas historias que se han escrito sobre la mujer y su participación en tal o cual hecho, esas mujeres fueron precisamente las que dignificaron el papel de la mujer en la guerra de abril. Brunilda Amaral, ex-combatente em Mujeres de Abril (2015, p. 181)

Assim, esse comentário parece reiterar a subalternidade de Augustina Rivas, ante aquelas e aqueles que falam em seu nome. Um olhar condescendente que a exalta como exemplar das anônimas, indistinguíveis e irreconhecíveis mulheres negras revolucionárias. Que dignifica o papel da mulher na guerra, mas destaca aquelas vidas, itinerários e paradesiros que não necessariamente importam. E desvela, portanto, um valor menor para as vidas de mulheres negras dominicanas. Como observa Lorgia García Peña, essas confusões e inversões de sentido na compreensão das trajetórias de mulheres negras “Iluminam o desejo colonial dominicano por branquidade à custa de vidas negras” (García Peña, 2022: 131, tradução livre).

Por isso a disgrafia descrita no início do texto parece tão ofensiva ao legado da combatente revolucionária. Porque a fez morrer nas mãos de seus inimigos, negando-lhe as veredas pelas quais passou (os vestígios de sua yola na travessia até Porto Rico), os inimigos (internos, como Balaguer) que enfrentou, e a ousadia (ou falta de opção) de ocupar o território de seus algozes estadunidenses como imigrante. A revolução que

⁸ O texto do site da NCLA, está disponível em: <https://nacla.org/afro-dominicanas-translating-blackness> Acesso em 20 de janeiro de 2023. Após entrar em contato com a professora García Peña, ela gentilmente me enviou uma cópia do seu livro.

parecia anunciar o fim das décadas de tirania e autoritarismo, o fim daquele mundo criado pelas plantations, foi um mero interlúdio entre períodos autocráticos.

Nos anos que seguiram a revolução, a própria Tina viu outro mundo, o imaginado pelos revolucionários (de solidariedade internacional e ecumenismo) ruir diante das mesquinhas, covardes e medíocres dos seus companheiros do sindicato de estivadores. Muitos que haviam combatido ao seu lado, no rescaldo da revolução lhe negaram uma caderneta de filiação, permitindo que fosse perseguida como uma pessoa sem ocupação.

Por outro lado, o fato de sua trajetória estar acessível, neste nível de detalhes, com as suas incongruências também expostas, deixa em aberto novas formas de lembrar e velar a vida de Augustina Rivas (afinal, Medrano não apagou versões anteriores de seus relatos – o que me permitiu acompanhar também o avanço de suas pesquisas). As marés desse caminho parecem conservar a ambiguidade estejam baixas ou altas. É inevitável notar que outras formas de vestígio passaram a compor as possibilidades de leitura da vida de Tina Bazuca, como o texto de García Peña coloca, no registro de vidas “afro-dominicanas contra a morte”. Essa possibilidade, diante da enxurrada de versões já consolidadas opera como uma fresta, um refúgio dos perigos a que vidas negras estão sujeitas.

Imagens e versões



Foto da Suposta Tina Bazuca. A foto foi tirada pelo fotógrafo conhecido como Blanquito. O fuzil nas mãos da jovem foi emprestado por Rene Baptiste, haitiano do comando Armería, que ficava no clube Sirio-libanês. Informações e fonte: Página Fundación de solidaridad con los Heroes de Abril de 1965.



Uma das fotos disponíveis do filme Hotel Coppelia Fonte: Latido films (site), 2020.



Fotos do banco com o nome de Tina no Parque Memorial de la Resistencia. Fonte: Acervo FUSHA, 2020.



Foto de Agustina Rivas, nos anos 1980 em uma festa. Fonte: Acervo Fusha, 2020.



Foto de Altgracia Rivas Ramos. E em alguma comemoração, sua mãe Agustina Rivas. Fonte: Acervo Página FUSHA, 2020.



Foto de Tina Bazuca durante um desfile militar no período revolucionário, um dos últimos registros encontrados por Tirso em sua pesquisa. Compartilhado na página da FUSHA em 5 de maio de 2023.

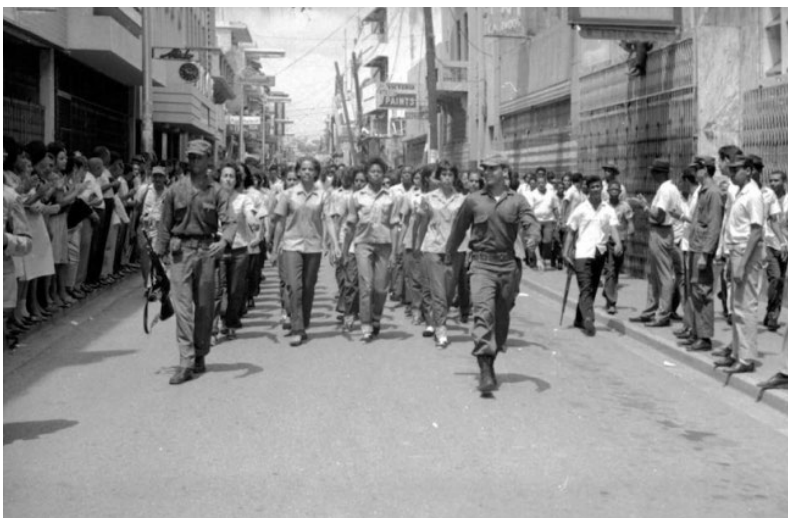


Foto do desfile das combatentes pela Calle El Conde, provavelmente do mesmo desfile retratado acima. (Fundo Milvio Pérez, Archivo General de la Nación -AGN, Publicada em García Peña, 2023 e 2023.)

CODA: Contra-arquivo e a vida pós-soberania

Os circuitos e itinerários das narrativas sobre Tina Bazuca são interessantes vestígios para se pensar as formas internas da plantation, ou as formas que ela propicia. A revolução de 1965 como efeméride se situa evidentemente no registro da plantation externa de Brathwaite, onde habitam os nacionalismos caribenhos. Mas, como experiência, ela revela pormenores de estratégias (como a do comando haitiano) e sobrevivências (no caso daqueles que foram perseguidos) que ultrapassam o domínio do nacional ou as solidariedades internacionais então inimaginadas por dominicanos. Celebrar a vida da combatente Augustina Rivas, como o faz García Peña é dignificar sua trajetória, velar por sua vida.

O seu percurso se dá pelas veredas da plantation caribenha: saindo da única fronteira terrestre das ilhas do grande caribe (forjada pelos interesses do capital imperial), passando pelas terras da produção de tabaco e se instalando na região portuária da capital, onde ela como estivadora se tornou infraestrutura humana da máquina da plantation. Nestes anos em Santo Domingo estabeleceu laços que lhe renderiam espaço para atuar como combatente na revolução. Depois da revolução ela experimentou a fuga como uma constante durante os doze anos em que Joaquim Balaguer esteve no poder. Foi presa, torturada, e quando finalmente livre, experimentou a dominicanidade em diáspora, com as yolas (barcos) em direção à Porto Rico. O retorno à República Dominicana no anos 1970 foi somente um breve intervalo ante a subsequente imigração para os Estados Unidos. Nas margens do território imperial ela esteve mais segura que em “seu” país natal. Lá permaneceu até os anos 1990, quando voltou à capital, quase que instintivamente desfazendo o próprio percurso em vida – depois de quatro anos, um breve retorno a Santiago de los Caballeros, e a morada final em 1996, na terra *rayana* de Dajabon⁹. A vida de Tina Bazuca é uma peça de insubmissão vibrante pela liberdade. Ao contrário da representação que menciono no início do texto, ela não se deixou desfalecer nem capturar permanentemente. O mesmo parece ter ocorrido com a sua narrativa, que com vida própria, não se deixou encaixar em enquadramentos masculinistas.

Suas navegações entre as fronteiras dominicanas (tal como teorizadas por García-Peña, 2016), Haiti e Estados Unidos, trazem ainda um incômodo com a pertença dominicana: depois da luta revolucionária, Tina se libertou das amarras do nacionalismo dominicano. Se a soberania pela qual lutou não poderia existir, não seria o seu corpo que

⁹ Rayanos são aqueles que vieram da fronteira entre Haiti e República Dominicana.

se renderia aos desígnios do império e seus asseclas locais. Esse movimento ressoa algo que Yarimar Bonilla vai observar em sua etnografia a respeito da não-soberania e da recusa de movimentos políticos em Guadalupe de se conformar a modelos liberais de ação política e autodeterminação (2015). Seria a independência ou a descolonização, o único caminho para a autodeterminação soberana no Caribe? O caso da República Dominicana traz evidências importantes para corroborar esse questionamento ao Estado-nação como fim último das lutas por autodeterminação¹⁰. Durante a luta revolucionária de 1965, defender a pátria significava garantir a democracia e a convivência com futuros plurais. Olhar uma trajetória pessoal para corroborar esse argumento é quase como dar continuidade à atenção de Sidney Mintz à vida de Taso, seu amigo e interlocutor (1984). Os processos históricos atravessam esses excertos biográficos precariamente agregados.

Nos doze anos autoritários (1966-1978) o projeto cultural do ditador Balaguer também delimitara autocraticamente as origens hispânicas da cultura dominicana, controlando e manipulando, como fez com seus adversários políticos, qualquer signo de diversidade (ver o exemplo trazido por Carlos Jauregui, o medo do Haiti e de corpos negros, 2009).¹¹

O enredo da vida de Tina Bazuca também parece ter transposto os objetivos iniciais de meu interlocutor, Tirso Medrano. No último movimento descrito ela se tornou uma referência anti-colonial para uma negritude em tradução (García Peña, 2022) – entre as suas diversas experiências no Atlântico Norte e as colonialidades da América Latina.

Aparte as qualidades pessoais de Augustina Rivas, algo se revela também a partir da forma pela qual Tirso Medrano opera com os arquivos da fundação, amplamente disponíveis em suas páginas na plataforma Facebook. É claro que alcançar as diversas versões envolve um trabalho de pesquisa (*scroll*, ou rolar a página para baixo). Seu acesso não contém, no entanto, controles e interditos como aqueles do Archivo General de la Nación (como descrevi em Castillo de Macedo, 2021a). A ambiguidade das diversas versões produzidas por Medrano, nas quais produz uma bricolagem de relatos de conhecidos e amigos da combatente pode ser observada de duas formas: no modo como conserva opacas as potencialidades transnacionais (percebidas no uso que Lorgia García

¹⁰ A etnografia de Chelsea Kivland (2020) também parece apontar para o mesmo sentido no contexto haitiano. Outra reflexão de Bonilla com Max Hantel, indica caminhos semelhantes para outras paragens no caribe (2016).

¹¹ Ginetta Candelario também expõe as incongruências do projeto balaguerista, apesar de não atribuir diretamente a ele, cujo culturalismo valorizou o folclore marcado por elementos indígenas e hispânicos em detrimento da presença africana. (2020 [2007])

Peña faz deste arquivo) (Glissant 2021 [1990]); e na unidade submarina de seu trabalho com outras poéticas caribenhas (a inspiração afro-antilhana de seu autor e como ele se percebe um homem negro) (Brathwaite: 2021[1975]). A maneira como o enredo ganha diferentes formas e correções ao longo dos anos demonstra a polissemia da vigília do arquivo da fundação. Trata-se de proteger a reputação, manter-se vigilante, mas também permanecer aceso como uma vela que não se apaga, e ainda, cobrir com véu, escurecer. A opacidade caracteriza o refúgio oferecido pela fundação em seus arquivos.

Por esse motivo, se pode observar um caráter de contra-arquivo na produção da fundação e de seu presidente. É um arquivo permanentemente incompleto que apesar da motivação nacionalista, expõe as fraturas, rachaduras e brechas dos discursos que imaginam a purificação dominicana. Nesses fragmentos, pode-se observar itinerários como o de Tina Bazuca que, marcados pela negridade, impelem unidades submarinas da experiência negra no Caribe (ou marcadas como negras a partir de uma relação imposta pelo império). O vestígio aparece como categorial fundamental para compreender como uma trajetória específica entrelaça as vidas (de Tina e seus enredos) aos movimentos do capital e da plantation. Do mesmo modo, à medida que nos afastamos das disgrafias da narrativa masculinista/nacionalista, uma caudalosa maré de circuitos e conexões permite a composição de refúgios no cotidiano das vigílias.

Nesse encontro de pessoas que velam pelas vidas de pessoas negras tornadas abjetas pelas maquinações da plantation o vestígio se dobra em si mesmo propiciando espaços de contraplantation. Nem sempre as marés permitem essa dobra, porém, sua ocorrência em escalas menores, locais e até íntimas, facilita outras formas de dispersão, inspiração e *aspiração* (para recuperar também aqui o sentido de Sharpe para o termo (2023:234).

Referências Bibliográficas

ACEVEDO, Anthony Stevens. **The Santo Domingo Slave Revolt of 1521 and the Slave Laws of 1522: Black Slavery and Black Resistance in the Early Colonial Americas.** New York: CUNY Dominican Studies Institute – Research Monograph, 2019.

BRATHWAITE, Edward Kamau. Caribbean Man in Space and Time. **Small Axe**, Vol. 25 (3), November 2021, p.90-104 (Savacou 11/12, 1975).

BONILLA, Yarimar. The past is made by walking: Labor Activism and Historical Production in Postcolonial Guadeloupe. **Cultural Anthropology**, v.26, n.3, pp.313. 339, 2011.

BONILLA, Y. **Non-sovereign Futures**: French Caribbean politics in the wake of disenchantment. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

BONILLA, Y. & HANTEL, Max. Visualizing Sovereignty: Cartographic Queries for the Digital Age. **Small Axe**, SX Archipelagos, a journal of Caribbean digital praxis, v.1, n.1, 2016.

BOSCH, Juan ([1986] 2005). **Capitalismo tardío en la República Dominicana**. Santo Domingo: Editora Alfa y Omega.

CANDELARIO, Ginetta. **El negro detrás de la oreja**: Identidad racial dominicana, desde los museos hasta los salones de belleza. Santo Domingo: Editorial Universitaria Bonó, 2021 [2007].

CASTILLO DE MACEDO, Victor Miguel. **As Multiplicidades dos heróis de abril**: tempos, historicidades e modos de fazer ex-combatentes da revolução de 1965 na República Dominicana. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021a.

CASTILLO DE MACEDO, Victor Miguel. Dom e reparação no capitalismo tardio da República Dominicana. **45º Encontro anual da ANPOCS – GT Etnografias do Capitalismo**. São Paulo. 2021b

DERBY, Lauren (Robin); TURITS, Richard; DENIS, Watson (ed.). **Terreurs de la frontière** – Le massacre de Haïtiens en République dominicaine en 1937. Port-au-Prince: Les Publications du Centre Challenges, 2021.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**: poética III. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021 [1990].

HURSTON, Zora Neale. **Tell my horse**. Voodoo and life in Haiti and Jamaica. New York: Harper Collins Publishers, 2009[1938].

JÁUREGUI, Carlos. El negro comegente: Terror, Colonialismo y Etno-política. **Afro-Hispanic Review**. v. 28, n.1, pp.45-79, 2009.

KIVLAND, Chelsea. 2020. **Street Sovereigns**: Young Men and the Makeshift State in Urban Haiti. Ithaca, NY: Cornell University Press.

GARCÍA PEÑA, Lorgia. **The borders of Dominicanidad**: race, nation and archives. Durham: Duke University Press, 2016.

GARCÍA PEÑA, Lorgia. **Translating Blackness**: Latinx Colonialities in Global Perspective. Durham: Duke University Press, 2022.

HOETINK, Harry. **El Pueblo dominicano 1850-1900**. Apuntes para su sociología histórica. Santiago de los Caballeros: Universidad Católica Madre y Maestra, 1971.

MINTZ, Sidney. **Sweetness and Power. The Place of Sugar in Modern History**. New York: Penguin Books, 1985.

MINTZ, Sidney. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados**, Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, IUPERJ, v.27, n.1, p. 45-59,1984.

RAMÍREZ, Dixa. **Colonial Phantoms**. Belonging and Refusal in the Dominican Americas, from the 19th Century to the Present. New York: New York University Press, 2018.

RECKIN, Anna. Tidalectic Lectures: Kamau Brathwaite's Prose/Poetry as Sound-Scape. **Anthurium**: A Caribbean Studies Journal. Vol.1 (1), 1-16 (article 5).

SCOTT, David. **Conscripts of Modernity**. The Tragedy of Colonial Enlightenment. Durham: Duke University Press, 2004.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negritude e existência. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TORRES-SAILLANT, Silvio. **El retorno de las yolas**: ensayos sobre diáspora, democracia y dominicanidad. Santo Domingo: Editorial Universitaria Bonó, 2019.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the Past**: power and the production of history. Boston: Beacon Press, 1995.

TROUILLOT, Michel-Rolph. North Atlantic Fictions: Global Transformations, 1492-1945. *In.*: **Global Transformations**: Anthropology and the Modern World. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

WYNTER, Sylvia, "Novel and History, Plot and Plantation," **Savacou**, no. 5 (June 1971): 97

Referencias Online

Afro-Dominicanas Against Death: Nacla – The North American Congress on Latin America.

<https://nacla.org/afro-dominicanas-translating-blackness>

La VERDADERA historia de TINA BAZUCA – Dominican Info. 14 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3trlC3O_-bQ Acesso em 20 de abril de 2021.